

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS DA IDADE DO BRONZE NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO AVE (NOROESTE DE PORTUGAL)

Hugo Aluai Sampaio¹

RESUMO

Os dados para o Bronze Final permanecem desconhecidos. Durante o Bronze Inicial a presença de objetos metálicos e de alguns túmulos opulentos conectados com o vale parecem “marcar fisicamente” a paisagem. Nas montanhas os monumentos sob *tumuli* indiciam a importância do papel social da morte e da necessária preservação da memória ancestral. Durante o Bronze Médio os dados revelam modos de vida e concepções distintas da morte. Se para as comunidades serranas esta parece continuar a ser um importante marco espacial, nos vales predomina a morte invisível, quiçá associada à perda da importância do cadáver enquanto referência coletiva e espacial. Há, ainda, certos lugares ancestrais de memória e de grande significado coletivo (re)visitados entre o Bronze Inicial e o Bronze Final.

Palavras-chave: Bronze Inicial, Bronze Médio, Necrópole, Inumação, Cremação.

ABSTRACT

Late Bronze Age data is unknown. During Early Bronze the presence of metallic objects and some opulent tombs connected to valley areas seems to “physically sign” landscape. In mountain areas cairns indicate the social importance of death and the necessity of preserving ancestral memory. During Middle Bronze Age data reveals distinct lifestyles and conceptions of death. For communities linked to mountain areas death prevails as a significant form of landscape “imprinting”. In valleys prevails an invisible death, perhaps connected to the increasing lost of corpses importance as collective and spatial references. There are also some immemorial ancestral places (re)visited between Early and Late Bronze Age that denounce collective meaningfulness.

Keywords: Early Bronze Age, Middle Bronze Age, Necropolis, Inhumation, Cremation.

1. INTRODUÇÃO

A área de estudo, geomorfologicamente acidentada e rica em recursos hídricos, apresenta terreno recortado, formando uma rede de vias naturais de circulação que interligam todo o Noroeste português. É uma zona onde abundam as jazidas primárias de estanho e volframate e os solos de aptidão agrícola. A ambiguidade de alguns dados poderá questionar o seu caráter funerário. E a sua interpretação estará sempre sujeita à crítica, ausentes que são (na maioria dos casos) os indícios irrefutáveis – como ossadas humanas – que os corroborem. No entanto, uma abordagem interpretativa e contextual aos

dados aflora novas questões e problemáticas de investigação mas, acima de tudo, mostra a complexa e plural realidade funerária da Idade do Bronze na fachada atlântica.

2. CONTEXTOS DE TUMULAÇÃO E PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA BACIA DO RIO AVE

Entre os sítios catalogados figuram diferentes tipologias (Tabela 1). A **reutilização de monumentos megalíticos** ocorreu na Lapinha (Guimarães) e, talvez, na Antela dos Corgos/Córregos (Trofa). Naquele contexto, segundo Sanches (1981, p. 94) um vaso

1. Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Universidade do Minho; hugoaluai@gmail.com

tecnologicamente enquadrável na Idade do Bronze estaria “*por debaixo da pedra de cobertura de um dólmen*”. Da Antela dos Corgos/Córregos há referência a, entre outros objetos líticos, um anel em cobre (Bouza Brey & López Cuevillas, 1929). Tratando-se de uma espiral (?) poderia remeter para uma reutilização ocorrida durante o Bronze Inicial.

Os monumentos sob *tumuli* escavados revelaram couraças pétreas maioritariamente graníticas, por vezes sobre uma camada de sedimentos, com abundantes quartzos, algo observado noutros monumentos coetâneos no NO de Portugal (entre outros, Cruz, Gomes & Carvalho, 1998a, 1998b; Vilaça & Cruz, 1999; Cruz & alii, 2000; Bettencourt, 2010a; Sá, 2014; Pereira, 2014). A couraça do monumento da Regedoura 2 incluía seixos e blocos graníticos “dente de cavalo”, substituindo os feldspatos a função dos quartzos (Gabriel Pereira, comun. pess.).

Alguns destes monumentos possuíam elementos definindo o perímetro funerário: as lajes fincadas da Laje da Malhadoura 1; os 3 pequenos afloramentos circuitando o *tumulus* de Lobo 2; e, eventualmente, as lajes deslocadas para a superfície da câmara do monumento de Regedoura 2 (Gabriel Pereira, comun. pess.). Destaque para Lameirão/Cruz Nova (Celorico de Basto), cuja estela (Sousa, 1996) teria integrado originalmente a sua couraça (Ana Bettencourt, comun. pess.).

As partes centrais destes monumentos são variadas. A ausência de estrutura pétreia central em Vale de Chão 1 levou Vilas Boas (2014a, p. 22) a ponderar “*a deposição do corpo ou de eventuais cinzas (...) diretamente sobre o solo ou sobre qualquer estrutura em material perecível*”. A presença de carvões vegetais na última camada da área central poderia explicar-se pela deposição de ossos cremados ou ritos de fogo aí praticados, permitindo questionar os papéis meramente sepulcrais destes monumentos. A construção de Vale de Chão 1 remonta ao Bronze Inicial (Tabela 2) e é consonante com as cronologias propostas para monumentos semelhantes (Vilaça & Cruz, 1999; Bettencourt, 2010a).

Sob a couraça pétreia do *tumulus* e em área central de Vale de Chão 2 blocos de maiores dimensões com disposição circular encostavam a nascente a um grande bloco gravado na superfície superior com 5 covinhas em semicírculo e, a poente, a outra pequena laje fincada na vertical gravada com mais três (Vilas Boas, 2014b). Associação semelhante verifica-se no *tumulus* 1 de Monte Calvo (Arouca), com uma

estela gravada com um pedomorfo de bovino (Sá, 2014), ou no *tumulus* de Casinha Derribada 3 (Viseu), onde a laje de cobertura de uma fossa foi gravada com um reticulado, monumento datado do Bronze Médio (Cruz, Gomes & Carvalho, 1998b).

A câmara pétreia bastante perturbada de Regedoura 2 permitiu a recolha descontextualizada de um braçal de arqueiro, uma ponta de seta de tipo Palmela e vários fragmentos cerâmicos tecnologicamente situáveis na transição entre o Calcolítico e Bronze Inicial (Gabriel Pereira, comun. pess.).

A aglomeração destes monumentos em necrópoles deu preferência, amiúde, a lugares funerários ancestrais: Vale de Chão 1, 2 e 4 e Carvalho 1 e 2, foram construídos nas imediações do monumento megalítico de Vale de Chão 3, de cronologia anterior (Vilas Boas, 2014b); Regedoura 2 foi, também ele, erguido nas imediações do dólmen de Regedoura 1 (Gabriel Pereira, comun. pess.).

A maioria destes monumentos denuncia maior proximidade a ambientes montanhosos comparativamente a outros vestígios funerários.

Algumas sepulturas planas revelaram a presença de uma tampa de arena granítica (Sampaio & alii, 2014; Sampaio & Bettencourt, 2014; Sampaio, 2014). O grau de destruição/perturbação de outras não deixou perceber tal situação.

A distribuição espacial destas estruturas, como no caso do Pego, mostra dois núcleos, lembrando a necrópole do final do Bronze Médio de Agra de Antas (Esposende) tendencialmente polinuclear (Bettencourt, 2011).

Dentro de ligeiras nuances, as sepulturas planas apresentam arquiteturas e oferendas muito semelhantes (Figura 1), de um modo geral vasos de bordo horizontal, salvo raras exceções onde os materiais se encontravam ausentes.

Encontram paralelos em Tapado da Caldeira (Baião) (Jorge, 1980, 1983), Cimalha (Felgueiras) (Almeida & Fernandes, 2008), Alto da Vela/Gulpilhares (V.N. de Gaia) (Fortes, 1909), Coto da Laborada (Calvos de Randín) (López Cuevillas, 1930, 1947) ou Monte de Mesiego (O Carballiño) (Lopez Cuevillas & Lamas, 1958).

O seu enquadramento cronológico pode ser situado entre finais do Bronze Inicial e grande parte do Bronze Médio (Tabela 2).

Em relação a fossas, Cardoso (1936) menciona em Faisca (Guimarães) mais de uma dezena daquelas estruturas abertas no substrato rochoso, de contor-

no semicircular, de onde foram recolhidos 8 vasos cerâmicos de bordo horizontal, inteiros ou praticamente inteiros (Figura 2), e 2 fragmentos de um nono exemplar, entre outros quebrados pelos trabalhadores. A sua descrição aponta para uma necrópole de fossas. A corroborar esta hipótese destaque para os estados completos dos recipientes cerâmicos, recorrentes em contextos funerários do Bronze no Noroeste. Foi possível datar este contexto do Bronze Médio, entre finais do séc. XVII e meados da 2ª metade do séc. XV AC (Sampaio, 2014) (Tabela 2). Durante trabalhos de emergência em Campo de Postigo (Póvoa de Varzim), na plataforma litoral, foram detetadas 2 fossas, e talvez uma terceira, das quais diversos fragmentos cerâmicos permitiram reconstruir 5 formas (Silva, 1985, 1993). O perfil estratigráfico da fossa 2 incluía uma faixa de arena granítica no topo interpretada como tampa (Silva, 1985). Referida como necrópole de cremação do Bronze Final (Silva, 1993), o recuo da sua datação para finais do Bronze Inicial/inícios do Bronze Médio baseou-se na comparação da forma cerâmica da fossa 2 com duas semelhantes, uma associada à reutilização da Idade do Bronze da Mamoia de Carreiro da Quinta (Vila Verde) e outra provavelmente recolhida numa das Mamoias de Prados (Arcos de Valdevez), datada de entre os finais do séc. XVIII e o séc. XVI AC (Bettencourt, 2010b).

Mesmo com toda a problemática inerente, mencionou-se as fossas da área da necrópole do Pego. A sua contiguidade e semelhanças construtivas com sepulturas planas (com “tampas” de arena granítica), a recolha de colorante amarelo da fossa 2² e uma pequena cama circular de pedras de granito rico em biotite identificada no fundo da fossa 1 para albergar um contentor ou oferenda perecível, tem levado a defender a sua função sepulcral (Sampaio & Bettencourt, 2014; Sampaio, 2014).

Vale Ferreiro incluiu também exemplares de fossas hipoteticamente funerárias. A parte superior do enchimento da fossa 3 apresentava 4 fragmentos de moinhos manuais, relembrando o contexto do Medal (Mogadoruro) (Gaspar & alii, 2014), com enterramentos em fossa sob amontoados de seixos e blocos. Também a fossa 21, próxima ao túmulo 1 e colmatada com arena granítica no topo (tampa), relembra o verificado nas sepulturas planas e fossas da necrópole

2. Similar ao pedaço de colorante amarelo identificado no enchimento da sepultura plana 4.

do Pego e na sepultura plana da Quinta do Amorim (Sampaio & alii, 2008, 2014; Sampaio & Bettencourt, 2014). Destaque, ainda, para a fossa 9 ou “casa-túmulo”, estrutura em negativo de contorno ovalizado cujo quadrante poente interno incluía outra fossa retangular para acolher algo perecível (Bettencourt & alii, 2005). A par disso, 12 buracos de poste dispostos pelo lado interno e externo, com exceção do quadrante nascente, permitem pensar numa possível entrada (Bettencourt & alii, 2005).

Em termos de paralelos, e sem pretensões de exaustividade, contextos funerários em fossa são conhecidos em Fraga do Zorro (Verín) (Fábregas Valcarce, 2001; Prieto Martínez & alii, 2009b) ou Ribeira do Medal (Mogadouro) (Gaspar & alii, 2014). A datação de Fraga do Zorro situa-se nos finais do Bronze Inicial/inícios do Bronze Médio, entre inícios do séc. XIX e meados do séc. XVII AC (Prieto Martínez & alii, 2009b). Já a datação de Ribeira do Medal aponta para um contexto do Bronze Médio, entre meados do séc. XVIII e finais do séc. XVII AC (Gaspar & alii, 2014). Refira-se, também, o sítio de Boucinhas (Ponte de Lima), onde 2 fossas com recipientes inteiros (Almeida & alii, 1994) foram interpretadas como contextos sepulcrais. Posteriores sondagens permitiram a Bettencourt & alii (2004) identificar nas imediações uma área de povoado datada de entre os séculos XXIV e XX AC. Estas cronologias são consonantes com a data de Faísca (Tabela 2) mas, também, com a hipótese colocada por Bettencourt (2010b, 2011) para Campo de Postigo. Contudo, se forem consideradas funerárias as fossas nas imediações das sepulturas planas do Pego e a fossa 9 de Vale Ferreiro, este fenómeno poderá ter ocorrido, também, nos finais do Bronze Médio ou já no Bronze Final (Tabela 2).

Na bacia do Ave há, também, **contextos funerários de exceção**. Em Granjinhos (Braga) fragmentos cerâmicos dispersos de formas com as bases *in situ* indicam uma deposição intencional (Bettencourt, 1999). As “*quatro urnas de incineração*” encontravam-se no interior de “*uma estrutura, aparentemente circular, definida por um alinhamento de pedras e saibro*” (Bettencourt, 2009, p. 98). Projetando o que restava desta estrutura, o “recinto” teria cerca de 7/7,5 m de diâmetro, ocupando os recipientes uma posição mais ou menos central (Figura 3). Análises dos seus conteúdos revelaram altos valores de fósforo, compatíveis com a presença de restos humanos. O local vinha sendo relacionado com o contexto ha-

bitacional datável do Bronze Final do Alto da Civilidade (Bettencourt, 1999), mas a datação de fuligem de uma das urnas situa Granjinhos entre os séculos XVII e XV AC, data aceite atendendo a que contextos de cremação são conhecidos no NO da Ibéria desde o Calcolítico, como Agro da Nogueira (Bettencourt & Meijide Camselle, 2009). Pese embora as diferenças e a datação de entre os séculos XII e XI AC, o paralelo mais próximo e parecido com Granjinhos é a necrópole de Paranho (Tondela), “*uma estrutura (...) definida por um recinto semicircular de pedras, com 5 m de diâmetro, no interior do qual se distribuíam seis cistas de pedra. Continham restos humanos previamente cremados e depositados, quer directamente no interior das cistas, quer em urnas cerâmicas*” (Vilaça & Cruz, 1999, p. 81).

No sítio de Vale Ferreiro (Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003), a câmara pétreo do túmulo 1, tipo cistoide e composta por 7 esteios de formas e dimensões variadas fincados ao alto, foi erguida no interior de uma fossa de contorno ovalar, secção em “U” e base aplanada. No interior da câmara encontravam-se ossadas humanas sem qualquer espólio. A base foi regularizada com duas lajes aplanadas e pequenos calhaus graníticos e o monumento foi coberto com uma laje granítica. Em redor da câmara, colmatando o interior da fossa, foi depositado um grande amontoado de calhaus e blocos de quartzo leitoso, formando um *cairn*. Por fim, fossa, câmara, tampa e *cairn* foram selados com arena granítica resultante da abertura da fossa no substrato (Bettencourt & alii, 2005). Exceção feita à tampa e ao esteio 1, as restantes lajes apresentavam desgaste por ação de água, pressupondo o seu transporte de áreas ribeirinhas imediatas. Desconhecem-se paralelos arquitectónicos na região e a data da sua construção remonta ao Bronze Inicial, entre meados do séc. XXII e inícios do séc. XIX AC (Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003). O túmulo 2 foi igualmente construído no interior de uma fossa subretangular e cantos arredondados, de secção em “U” e base aplanada, com uma área mais elevada a toda a volta formando uma espécie de “*corredor de circulação*”. No interior da área mais profunda a câmara funerária de “muro duplo” de calhaus e blocos de diferentes dimensões foi consolidada por um ligante à base de arena granítica. Os “muros”, com espessura variável entre os 34 e os 40 cm, utilizaram blocos e seixos angulosos que engrossavam do topo para a base, estreitando a área de deposição do corpo. A utilização de diferentes tipos

de rocha e minerais conferiu tons cinzas e brancos, pontuados por verdes e rosas das corneanas, entre vários fragmentos de moinhos manuais graníticos com as faces de moagem sem orientação específica. A base do túmulo, de formato subretangular e regularizada com lajes graníticas, uma estela e moinhos e fragmentos de moinhos manuais, incluía uma mancha avermelhada de colorante de formato triangular hipoteticamente envolvendo o defunto. Por fim, o monumento terá recebido uma cobertura em madeira selada com arena granítica (Bettencourt & alii, 2005). Embora se desconheçam paralelos no Noroeste português, a sua datação situa-o entre os séculos XXV e XXIII AC (Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003) (Tabela 2).

Quanto às práticas funerárias, e no que respeita ao tratamento dos mortos, há indícios de inumação e cremação. A **inumação** do túmulo 1 de Vale Ferreiro incluía restos ósseos depositados na vertical, provavelmente de cócoras, de um indivíduo do sexo masculino com cerca de 15 anos, aparentemente sem patologias, orientado com a cabeça a norte e os pés a sul. Pequenos pontos avermelhados nas costelas comprovam o uso de colorante (Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003).

A restante quota de contextos funerários evidencia a ausência de ossadas humanas, dada a acidez dos solos locais, sendo essencial fundamentar a interpretação de certas práticas como inumações. No Pego foram detetadas, durante a escavação em plano das sepulturas 9 e 11, camadas de coloração mais escura de distribuição central relacionadas com a presença de matéria orgânica e a decomposição do corpo, defendendo-se uma inumação individual em cada sepultura, provavelmente em decúbito lateral. A largura da sepultura de Quinta do Amorim, contudo, não exclui a hipótese de uma inumação dupla (Sampaio & alii, 2014). A natureza sepulcral destas estruturas percebe-se pela presença de vasos de bordo horizontal semelhantes aos da necrópole de Agra de Antas (Esposende), associados a ossadas de (pelo menos) 3 indivíduos (Cunha & Bettencourt, 2013). No quadro do tratamento dos defuntos envolvendo a **cremação** destaque para os monumentos de Granjinhos e de Vale de Chão 1. Naquele, análises de HCl 0,1N e de Bray II aos sedimentos do interior de um dos recipientes revelaram forte presença de fósforo por 100g, compatível com o seu uso como urnas funerárias, contendo ossos ou cinzas humanas (Bettencourt, 1999). Atendendo à relação das formas

cerâmicas com o “recinto”, à ausência de outros vestígios nas proximidades e aos valores de fósforo das análises, tratar-se-á de uma necrópole de cremação onde ocorreu a deposição secundária de restos de ossadas em urnas funerárias, pelo menos durante os séculos XVII e XV AC (Tab. 2). Já a reutilização do monumento de Vale de Chão 1, entre os séculos XVI e XIV AC (Tabela 2) (Vilas Boas, 2014a), foi materializada pela abertura de uma sepultura plana no seu *tumulus*. Embora ausentes quaisquer restos ósseos, a elevada presença de carvões de um grande tronco de carvalho queimado *in situ* no interior da abertura indicia a cremação secundária de um sarcófago (Vilas Boas & Martín Seijo, 2014). Na sepultura 322 de Cimalha (Felgueiras) foi registada a deposição de um tronco escavado, entretanto carbonizado (Almeida & Fernandes, 2008), associado a um recipiente cerâmico típico de contextos funerários do Bronze Inicial e Médio do NO português. Reminiscências destas práticas encontram-se também no monumento 1 do Rapadouro (Vila Nova de Paiva), onde no *cairn* talvez ainda calcolítico foram depositados, em finais do Bronze, ossos incinerados (Vilaça & Cruz, 1999).

Embora problemáticos, deve ainda ser referida a hipótese levantada por Silva (1993) para a necrópole de fossas de cremação de Campo de Postigo e o grafismo sugestivo de uma das fossas de Faisca registado por Cardoso (1936, p. 72), onde na “*parte subjacente ao vaso, encontravam-se, por vezes, filões de cinzas e carvão, à mistura com terra*” (hipotéticos indícios de cremação?).

O uso de colorante está registado nos túmulos 1, 2 e 3 de Vale Ferreiro. No primeiro, algumas costelas do indivíduo sepultado incluíam pequenos pontos avermelhados. A base do túmulo 2 preservava um fino sedimento avermelhado de formato subtriangular. Restos de colorante foram detetados sobre o filão de quartzo, na base do túmulo 3. E, no Pego, restos de colorante amarelado foram recolhidos da sepultura 4 e da fossa 2 (Sector II) (Sampaio & Bettencourt, 2011).

As oferendas mais recorrentes são as cerâmicas. Da reutilização do dólmen da Lapinha (Sanches, 1981) provém um púcaro subcilíndrico decorado. Desconhecem-se paralelos na região, mas as deposições cerâmicas frequentes nestas reutilizações datam do Bronze Inicial e Médio, como atestam vários casos entre a Beira Alta e o sul da Galiza (Bettencourt, 2011).

Nos monumentos sob *tumuli* de Vale de Chão 1 e 2 o reduzido tamanho dos fragmentos não permita ilação formal sobre os recipientes depositados (Vilas Boas, 2014a, 2014b). O monumento de Regedoura 2 incluía fragmentos cerâmicos de formas hemisféricas, permitindo enquadrá-lo genericamente no Bronze Inicial. A este propósito, no monumento sob *tumulus* de Senhor dos Aflitos (Arouca) ocorreu o depósito de “*uma taça carenada, de um possível recipiente subcilíndrico e de, pelo menos, dois vasos decorados com aplicações plásticas mamilares, sendo um deles um troncocónico*” (Pereira, 2014, p. 12). A presença destes materiais corresponderá a uma reutilização genericamente datada no Bronze Inicial.

A maioria das sepulturas da área incluiu oferendas de vasos cerâmicos (exceptuando raros casos sem qualquer espólio) de bordo horizontal. Apenas a sepultura LXXX do quarteirão dos C.T.T. (Martins & alii, 2010a, 2010b) incluía um troncocónico e o túmulo 3 de Vale Ferreiro um potinho.

Nos vasos de bordo horizontal ou forma 13 (Bettencourt, 1999) predominam os decorados que incluem composições mais ou menos complexas, situadas na parte interna do bordo, recorrendo à incisão, impressão, incisão e adição plástica, impressão e adição plástica e incisão e impressão. São vasos que evidenciam vestígios de fuligem, no caso da parede externa ocupando maioritariamente a área oposta à asa (70%), cujas análises químicas identificaram como gordura não especificada (Gonçalves & alii, 2010).

A datação de contextos com estes vasos vem sendo enquadrada no Bronze Médio, Bronze Médio e Final ou Bronze Final (Jorge, 1988; Cruz & Gonçalves, 1998-1999; Bettencourt, 1997, 1999), mas a sepultura 5 do Pego recua essa baliza para finais do Bronze Inicial, entre os séculos XXI e XVIII AC (Sampaio, 2014) (Tabela 2).

Também surgem em sepulturas vasos troncocónicos ou forma 14 (Bettencourt, 1999), como na sepultura LXXX do quarteirão dos C.T.T. A presença de fuligem, que na parede externa se distribui na zona oposta à asa e numa das laterais da pança, permite pensar no seu uso para a queima de substâncias. Contudo, não são excluídas outras hipóteses, como a adiantada para os troncocónicos da cista de A Forxa (Ourense), datados do Bronze Médio, que terão contido cerveja (Prieto-Martínez, Juan-Tresserras & Matamala, 2005; Prieto-Martínez, Lantes Suárez & Martínez Cortizas, 2009a). Neste caso haveria associação a práticas de comensalidade

ou à oferta de bebidas ao defunto. Os troncocónicos ocorrem principalmente durante o Bronze Inicial e Médio, comumente associados a contextos funerários (Bettencourt, 2009, 2010a), sendo que a datação do vaso do quarteirão dos C.T.T. situou o contexto no Bronze Inicial, entre os séculos XXI e XIX AC (Sampaio, 2014) (Tabela 2).

Outra forma presente em sepulturas planas é o potinho ou forma 10 (Bettencourt, 1999), como o depositado na extremidade S do túmulo 3 de Vale Ferreiro. Sem decoração e fuligem, a sua função parece ter sido distinta dos que revelam a ação do fogo. Esta forma está presente durante toda a Idade do Bronze (Bettencourt, 1997), embora com especial ênfase em cistas do Bronze Inicial da Galiza (entre outros, Vásquez Varela, 1980; Monteagudo, García & Lois, 1981).

No grupo das fossas da área de estudo consideradas como sepulcrais as formas mais comuns são, também, os vasos de bordo horizontal. Na necrópole de Faisca, datada do Bronze Médio (Tabela 2), as suas características e vestígios de fuligem admitem igualmente o seu envolvimento direto nas cerimónias fúnebres.

Da fossa 2 da possível necrópole de Campo de Postigo provém uma forma 8 (Bettencourt, 1999) decorada com digitações arrastadas formando traços verticais e 4 mamilos proeminentes simétricos no arranque da pança. A coloração distinta da metade inferior deste recipiente parece ter resultado do contacto com alguma substância (urna funerária ou contentor?). O seu caráter funerário tem como paralelos mais próximos as reutilizações dos monumentos megalíticos já referidos.

Poderia também ser referida, ainda que com as devidas reservas, a fossa 3 do Pego (Sector II), onde parte do perfil de um pote ou forma 2 (Bettencourt, 1999) com vestígios de fuligem em ambas as paredes foi recuperado.

Contextos fúnebres excepcionais incluíram, também, materiais cerâmicos, como as 3 formas 5 e 1 forma 1 (Bettencourt 1999) do “recinto” do Bronze Médio de Granjinhos (Tabela 2). Com exceção do vaso 1993.0299, os vestígios de fuligem distribuíam-se maioritariamente pela área do bordo e início da pança. Os vasos 1993.0297 e 1993.0298 apresentam decoração recorrendo à técnica de adição plástica de elementos ou à conjugação daquela técnica com digitações. Nas paredes internas inferiores todos os recipientes apresentavam uma coloração distinta

fruto do uso como urnas funerárias (e não enquanto oferendas).

O recipiente cerâmico bicónico com carena alta do túmulo 2 de Vale Ferreiro continha no seu interior vestígios de matéria orgânica de aspeto ferruginoso, encontrando-se sobre uma cama circular na extremidade NO da câmara formada por quartzos leitosos com veios ferruginosos. Aderências internas desta rara forma (infelizmente removidas no processo de limpeza da peça) apontam para um contentor de oferenda orgânica. Os paralelos mais próximos existem apenas no mundo meridional (Bettencourt & *alii*, 2005).

Há, ainda, um conjunto de vasos cerâmicos recolhidos inteiros, praticamente inteiros ou em menores proporções indiciando eventuais contextos funerários, mas a escassa informação disponível não permite grandes ilações. Cabem neste grupo os restantes vasos recolhidos nas imediações da sepultura LXXX do quarteirão dos C.T.T. (Figura 4) e da estrutura 12 de Quinta do Amorim, os vasos de Touguinha (Vila do Conde), Quinta da Bouça (Famalicão), Póvoa/Guidões (Trofa) e, eventualmente, Corvilho (Santo Tirso). Também no Monte da Penha (Guimarães) eventuais práticas funerárias não são excluídas (Sampaio, 2014). Figuram vasos de bordo horizontal, troncocónicos, potinhos, púcaros e subcilíndricos.

São raros os objetos líticos e metálicos. Naqueles figura um braçal de arqueiro do monumento sob *tumuli* de Regedoura 2 (Gabriel Pereira, comun. pess.), um peso de tear ou rede e um cossoiro ou conta de colar das sepulturas 7 e 8 do Pego (Sampaio & *alii* 2008) e uma estela granítica integrando a base do túmulo 2 de Vale Ferreiro (Sampaio & Bettencourt, no prelo). Nos objetos metálicos contam-se uma ponta de seta tipo Palmela de Regedoura 2 (Gabriel Pereira, comun. pess.) e duas espirais em ouro do túmulo 2 de Vale Ferreiro. Outras materialidades, ainda que com eventuais relações a práticas funerárias, levantam certas dúvidas (Sampaio, 2014): os aros de ouro de Bougado (Trofa); o bracelete de tiras de Sezures e o bracelete de Quinta do Bairro, ambos em ouro (V.N. de Famalicão); ou mesmo o bracelete em bronze do Corvilho (Santo Tirso).

3. A MORTE DURANTE A IDADE DO BRONZE NA BACIA DO AVE: BREVES CONCLUSÕES

Verifica-se a multiplicidade de contextos funerários, de estruturas e de práticas e algumas arquiteturas

singulares que revelam a preocupada materialização da perda irreparável que a morte representa. A inunção entre o Bronze Inicial e Médio e a cremação durante o Bronze Médio vincam, também, a variedade de ritos e ações no tratamento dos cadáveres. Alguns grupos de estruturas formaram necrópoles, por vezes polinucleares, cuja significância pode ser cronológica, de género ou familiar. Certas arquiteturas funerárias ergueram-se nas imediações de contextos funerários ancestrais, corporizando autênticas paisagens mortuárias. Há, ainda, lugares onde práticas fúnebres excepcionais e complexas parecem ultrapassar as simples necrópoles. Cabem neste último exemplo algumas estruturas que valorizaram a litologia e o uso de colorantes. Em Vale Ferreiro, a base do túmulo 1, as costelas do indivíduo sepultado no túmulo 2 e a base do túmulo 3 incluíam vestígios de colorantes. A importância litológica no túmulo 2, pelo uso de diferentes tipos de rochas e minerais, destaca-se pelas matérias-primas de origem regional transportadas (corneanas siliciosas e pelíticas) e inclusas na arquitetura, obedecendo a critérios prévios talvez relacionados com o seu potencial significado. O uso de diferentes granitos, quartzos e milonitos locais e corneanas variadas nas arquiteturas de Vale Ferreiro poderão relacionar-se com as características animistas do mundo, conforme defendido por Bradley (2000), Ingold (2000), Thomas (2001) ou Tilley (2004). Seria esta diversidade litológica uma forma de fazer convergir diferentes sentidos a um lugar, uma forma de representar os vários *loci* visitados num só local tornado especial? Seria, paralelamente, uma forma simbólica de legitimar os novos espaços ocupados, como defende Bettencourt (2010a) em relação às construções denunciando elevado investimento e oferendas de materiais excepcionais?

As oferendas que acompanharam os mortos foram intencionalmente depositadas com um ou mais significados/sentidos: distinguir qualidades do(a) sepultado(a); associar um objeto pessoal ou biográfico ao defunto; recordação pelo(s) seu(s) ente(s) querido(s) pela perda; ou, simplesmente, uma forma como o defunto gostaria de ser lembrado. Em muitos casos estes objetos terão desempenhado papel ativo e preponderante nas cerimónias fúnebres, enquanto noutros parecem ter sido propositalmente fabricados para o efeito. Nos contextos funerários da bacia do Ave predominam os recipientes cerâmicos, sendo raros os elementos líticos

e metálicos. Naqueles, a recorrente presença de futilidade deixa perceber o seu uso cultural envolvendo o uso de fogo. Mais do que simples oferendas, a envolvimento destes vasos na liturgia fúnebre torna-os agentes. Outros, por seu turno, funcionaram como contentores ou urnas funerárias.

Não deverá ser esquecido, pois, que os vestígios materiais de contextos funerários são apenas uma parte da “manipulação” das percepções e das crenças. Interessará perceber que uma vez encetado todo o cenário envolvido nas práticas fúnebres, a análise dos seus vestígios permite perceber um pouco melhor a forma como a morte foi encarada e tratada mas, acima de tudo, materializada. Por esse motivo, objetos e práticas ganham, ao longo do tempo, significados distintos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos A.B., MAIA, Maria I.S., MOREIRA, Maria M.L. & BAPTISTA, António J. (1994) – A estação do Bronze Final da Regueira. Vitorino de Piães – Ponte de Lima. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª Série. 11, pp. 547-565.
- ALMEIDA, Pedro B. & FERNANDES, Francisco (2008) – O povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa* (Lousada, 2007). Lousada: Câmara Municipal (Oppidum; Número Especial), pp. 29-44.
- BETTENCOURT, Ana M.S. (1997) – Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular. *Actas do Iº Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 621-632.
- BETTENCOURT, Ana M.S. (1999) – *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento – policopiada).
- BETTENCOURT, Ana M.S. (2000) – Estações da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (*Cadernos de Arqueologia. – Monografias*; 11).
- BETTENCOURT, Ana M.S. (2009) – A Pré-História do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze. In PEREIRA, Paulo, coord. – *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 70-118.
- BETTENCOURT, Ana M.S. (2010a) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 67: 1, pp. 139-173.
- BETTENCOURT, Ana M.S. (2010b) – Comunidades Pré-históricas da bacia do Leça. In VARELA, José M. & PIRES,

- Conceição, coords. – *Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, pp. 33-88.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2011) – Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In BUENO, P.; GILMAN, A.; MARTÍN MORALES, C. & SANCHES PALENCIA, J., eds. – *Arqueología, Sociedad, Territorio e Paisaje: Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano em Homenaje a M^a Dolores Fernández-Posse*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia (Bibliotheca Praehistorica Hispana; XXVII), pp. 115-140.
- BETTENCOURT, Ana M.S. & MEIJIDE CAMASELLE, Gonzalo (2009) – Agro de Nogueira, Melide, A Coruña: Novos dados e novas problemáticas. *Gallaecia* Santiago de Compostela. 28, pp. 33-40.
- BETTENCOURT, Ana M.S.; LEMOS, Francisco S. & ARAÚJO Maria T. (2003) – O complex arqueológico de Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (Norte de Portugal). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 43: 1-2, pp. 113-132.
- BETTENCOURT, Ana M.S.; DINIS, António; SILVA, Andreia; VEIGA, André M.; RIBEIRO, Emanuel; CARDOSO, Hugo; VILAS BOAS, Luciano & AMORIM, Maria J. (2004) – A estação arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal). *Portugalia*. Lisboa. 25, pp. 87-109.
- BETTENCOURT, Ana M.S.; RODRIGUES, Alda; SILVA, Isabel S.; CRUZ, Carlos S. & DINIS, António (2005) – The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 7, pp. 157-175.
- BETTENCOURT, Ana M.S.; DINIS, António; FIGUEIRAL, Isabel; RODRIGUES, Alda; CRUZ, Carlos S.; SILVA, Isabel S.; AZEVEDO, Marta & BARBOSA, Rui (2007) – A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal. In JORGE, S.O.; BETTENCOURT, A.M.S. & FIGUEIRAL, I. eds. – *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro, 2004). Faro: Universidade do Algarve (Promontória Monográfica; 8), pp. 149-164.
- BOUZA BREY, Fermín & LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino (1929) – *Os Oestrymnios, os Saefes e a Orfeberia en Galicia*. Santiago de Compostela: Arquivo de Seminário de Estudos Galegos.
- BRADLEY, Richard (2000) – *An Archaeology of Natural Places*. New York / Oson: Routledge.
- CANHA, Alexandre; AMADO, Margarida; GAMBOA, Nuno & SANTOS, Patrícia (2005) – *EIA – Parque Eólico das Terras Altas e Linha de Interligação à Subestação de Riba de Ave – Fafe*. Fafe.
- CARDOSO, Mário (1936) – Novas urnas de largo bordo horizontal: um tipo regional de cerâmica primitiva. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 8: 1, pp. 65-87.
- CRUZ, Domingos J. & GONÇALVES, António A.H. (1998/1999) – A necrópole de “Agra de Antas” (S. Paio de Antas, Esposende, Braga). *Portugalia*. Lisboa. Nova Série. 19-20, pp. 5-27.
- CRUZ, Domingos; GOMES, Luís F. & CARVALHO, Pedro (1998a) – Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. *Actas do Coléquio a Pré-História na Beira Interior*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 375-395.
- CRUZ, Domingos; GOMES, Luís F. & CARVALHO, Pedro (1998b) – O grupo de tumuli da Casinha Derribada (concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5. *Conímbriga*. Coimbra: 37, pp. 5-76.
- CRUZ, Domingos J.; VILAÇA, Raquel; SANTOS, André T.; MARQUES, João N. (2000) – O grupo de tumuli do Pousadão (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-históricos*. Viseu: 8, pp. 125-150.
- CUNHA, Eugénia & BETTENCOURT, Ana M.S. (2013) – Bronze Age Populations of the Northwestern Iberia. Anthropological and pathological features of Quinta de Agua Branca (Vila Nova de Cerveira) and Agra de Antas (Esposende). *Livro de Resumos do I Bioanthropological meeting: a multidisciplinary approach* (Coimbra, 2013). Coimbra: CIAS, p. 63.
- FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2001) – *Los petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*. Vigo: Instituto de Estudos Viguenses.
- FORTES, José (1909) – *Gaya no passado. Mea villa de Gaya*. Porto: Empresa Editorial do Guia Ilustrado de Portugal.
- GASPAR, Rita; CARRONDO, Joana; NOBRE, Luís, RODRIGUES, Zélia & DONOSO, Glória (2013) – Espaço para a morte. O terraço da foz do Medal (vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudos do Quaternário*. Porto. 10, pp. 59-72.
- GONÇALVES, Luís; BETTENCOURT, Ana M.S. & ALVES, Maria I.C. (2010) – Análises químicas de conteúdos orgânicos de recipientes cerâmicos da Idade do Bronze do Norte de Portugal. *Livro de Resumos das III Jornadas do Quaternário – Evolução Paleoambiental e Povoamento na Fachada Ocidental da Península Ibérica* (Braga 2010). Braga: APEQ, p. 8.
- INGOLD, Tim (2000) – *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- JORGE, Susana O. (1980) – A necrópole do Tapado da Caldeira. *Arqueologia*. Porto: 2, pp. 36-44.
- JORGE, Susana O. (1983) – Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião). *Arqueologia*. Porto: 8, pp. 55-56.

- JORGE, Susana O. (1988) – O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal. *Monografias Arqueológicas* 2. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino (1930) – Nuevas cerámicas das antas galegas. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: 4, pp. 263-282.
- LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino (1947) – Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense. 16: 1, pp. 1-12.
- LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino & CHAMOSO LAMAS, Manuel (1958) – Una necrópolis de sepulturas planas. *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela. 13: 39, pp. 273-283.
- MARTINS, Maria M.; FONTES, Luís; BRAGA, Cristina; BRAGA, José; MAGALHÃES, Fernanda & SENDAS, José (2010a) – Salvamento de Bracara Augusta – Quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade (BRA 08-09 CTT). Relatório Final. *Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia – Memórias 1*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, Maria M.; FONTES, Luís & ANDRADE, Francisco (2010b) – Salvamento de Bracara Augusta – Quarteirão dos CTT/Interligação Túnel Avenida da Liberdade (BRA 09 CTT-ITAVL). Relatório Final. *Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia – Memórias 2*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MONTEAGUDO, Luis; GARCÍA, Alfredo & LOIS, Julio (1981) – El hacha de Salto (Rodeiro) y las primeras hachas de tope de dos asas en Europa. *El Museu de Pontevedra*. Pontevedra: 35, pp. 117-162.
- PEREIRA, Gabriel (2014) – A sepultura sob tumulus do Senhor dos Aflitos (Alvarenga/Arouca, Centro-Norte de Portugal). Primeiros resultados. *Estudos do Quaternário*. Porto: 10, pp. 3-14.
- PRIETO-MARTÍNEZ, Maria P.; JUAN-TRESSERRAS, Jordi & MATAMALA, Juan C. (2005) – Ceramic Production in the North-Western Iberian Peninsula: Studying the functional features of pottery by analyzing organic material. In PRUDENCIO, M.I.; DIAS, M.I. & WAERENBORGH, J.C., eds. – *Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics – Understanding people through their pottery*. Lisboa: Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN) / Ministério da Cultura / Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 42), pp. 193-199.
- PRIETO MARTÍNEZ, Maria P.; LANTES SUÁREZ, Oscar & MARTÍNEZ CORTIZAS, Antonio (2009a) – Dos enteramientos de la Edad del Bronce en la Provincia de Ourense. In FONTE, J., ed. – *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia (Montalegre, 2008)*. Montalegre: Grupo Cultural Aqvae Flaviae (Revista Aqvae Flaviae; 41), pp. 93-105.
- PRIETO MARTÍNEZ, Maria P.; MARTÍNEZ CORTIZAS, Antonio; LANTES SUÁREZ, Oscar & GIL AGRA, Dolores (2009b) – Estudio de la cerámica del yacimiento de fosas de Fraga do Zorro. In FONTE, J., ed. – *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia (Montalegre, 2008)*. Montalegre: Grupo Cultural Aqvae Flaviae (Revista Aqvae Flaviae; 41), pp. 107-121.
- SÁ, Edite (2014) – *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita, (Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Tese de mestrado em Arqueologia – policopiada).
- SAMPAIO, Hugo A. (2014) – *A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento – policopiada).
- SAMPAIO, Hugo A. & BETTENCOURT, Ana M.S. (2011) – Produção e práticas metalúrgicas da Idade do Bronze no Noroeste português: o caso do Pego, Braga. In MARTINS, C.M.B.; BETTENCOURT, A.M.S.; MARTINS, J.I. & CARVALHO, J., eds. – *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM/APEQ, pp. 391-405.
- SAMPAIO, Hugo A. & BETTENCOURT, Ana M.S. (2014) – Between the valley and the hilltop: Discoursing on the spatial importance of the Pego's Bronze Age necropolis, Braga (Northwest of Portugal). *Estudos do Quaternário*. Porto: 10, pp. 45-57.
- SAMPAIO, Hugo A.; BETTENCOURT, Ana M.S.; BARBOSA, Rui; DINIS, António & CRUZ, Domingos (2008) – A importância do povoado do Pego no Bronze do Noroeste de Portugal. In E. Ramil Rego (ed.) *Actas do 1^o Congresso Internacional de Arqueologia de Vilalba (Vilalba, 2008)*. Vilalba: Museu de Prehistoria de Vilalba (Férvedes; 5), pp. 227-233.
- SAMPAIO, Hugo A.; AMORIM, Maria J.; VILAS BOAS, Luciano & BRAGA, Ana C.G. (2014) – Contributo para o estudo dos contextos funerários do Noroeste português: o caso de estudo da Quinta do Amorim 2, Braga. *Estudos do Quaternário*. Porto: 10, pp. 35-43.
- SANCHES, Maria J. (1981) – Recipientes cerâmicos da Pré-história Recente do Norte de Portugal. *Arqueologia*. Porto: 3, pp. 88-98.
- SILVA, Armando C.F. (1985) – As fossas ovóides de Beiriz e a problemática das práticas funerárias no Final da Idade do Bronze. *Actas do Colóquio Santos Graça de Etnografia Marítima III (Póvoa de Varzim, 1982)*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, pp. 13-20.
- SILVA, Armando C.F. (1993) – *A Idade do Bronze em Portugal. Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 235-301.
- SOUSA, O. (1996) – *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de mestrado – policopiada).

TILLEY, Christopher (2004) – *The Materiality of Stone: explorations in Landscape Archaeology*. Oxford University Press: Berg.

THOMAS, Julian (2001) – Archaeologies of Place and Landscape. In I. Hodder (Ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, pp. 165-186.

VÁSQUEZ VARELA, José M. (1980) – Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia. *Pontevedra*. Pontevedra: o, pp. 23-40.

VILAÇA, Raquel & CRUZ, Domingos J. (1999) – Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta. *Arqueologia*. Porto: 24, pp. 73-99.

VILAS BOAS, Luciano (2014a) – Vale de Chão 1, Braga. Um tumulus da Idade do Bronze no Noroeste português. *Estudos do Quaternário*. Porto: 10, pp. 15-23.

VILAS BOAS, Luciano (2014b) – *O Núcleo de Monumentos sob tumuli de Vale de Chão, Braga (serra do Carvalho): História de um lugar desde o Neolítico à Idade do Bronze*. Braga (Tese de mestrado – policopiada).

VILAS BOAS, Luciano & MARTÍN SEIJO, Maria (2014) – Ritos do fogo em contextos funerários da Idade do Bronze do NW da Iberia: o caso de estudo do monument subtumulus do Vale do Chão 1. *Livro de Resumos do 3rd Enardas Colloquium. Living Places, Experienced Places*. Braga: APEQ/CITCEM, pp. 43-44.



Figura 1 – Sepulturas planas identificadas e escavadas na bacia hidrográfica do rio Ave: 1. Quinta do Amorim (Braga); 2-10. Pego (Braga); 11. Quarteirão dos C.T.T. (Braga); 12-13. Vale Ferreiro (Fafe).

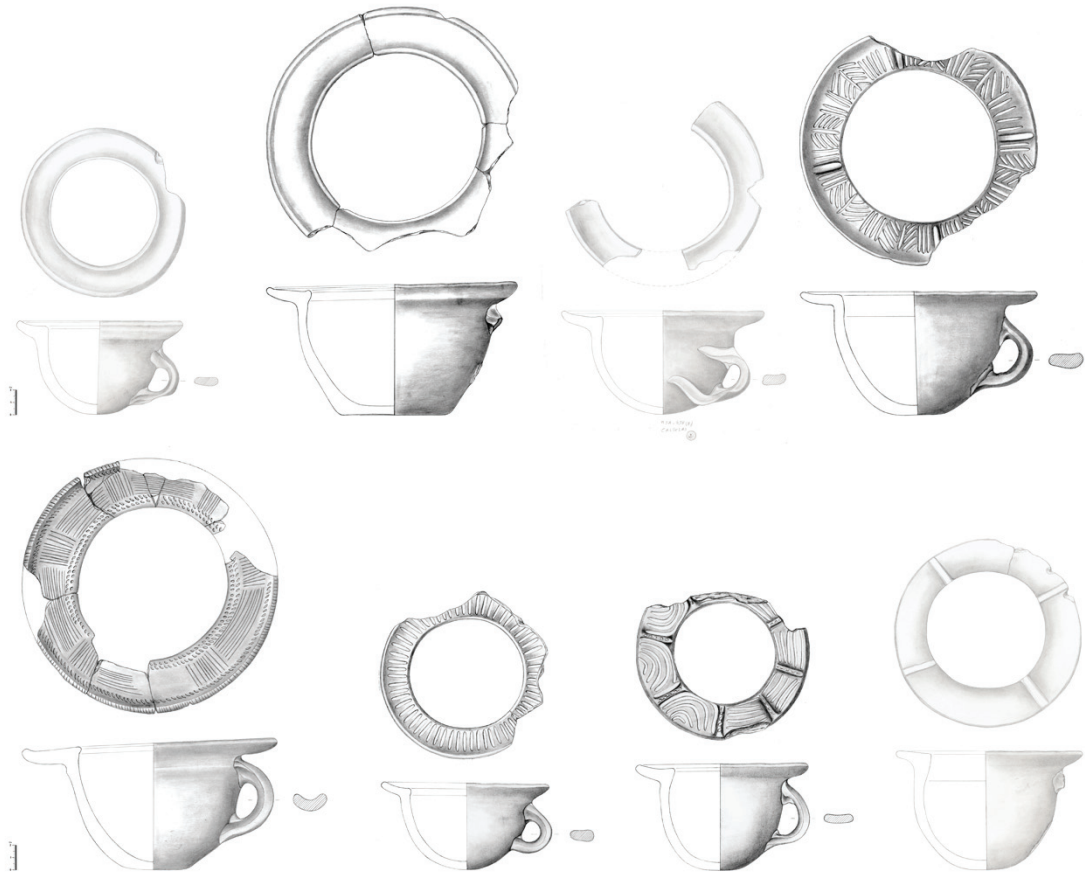


Figura 2 – Vasos de bordo horizontal recuperados do interior de fossas da hipotética necrópole de Faisca (Guimarães) (autor: Amélia Marques).

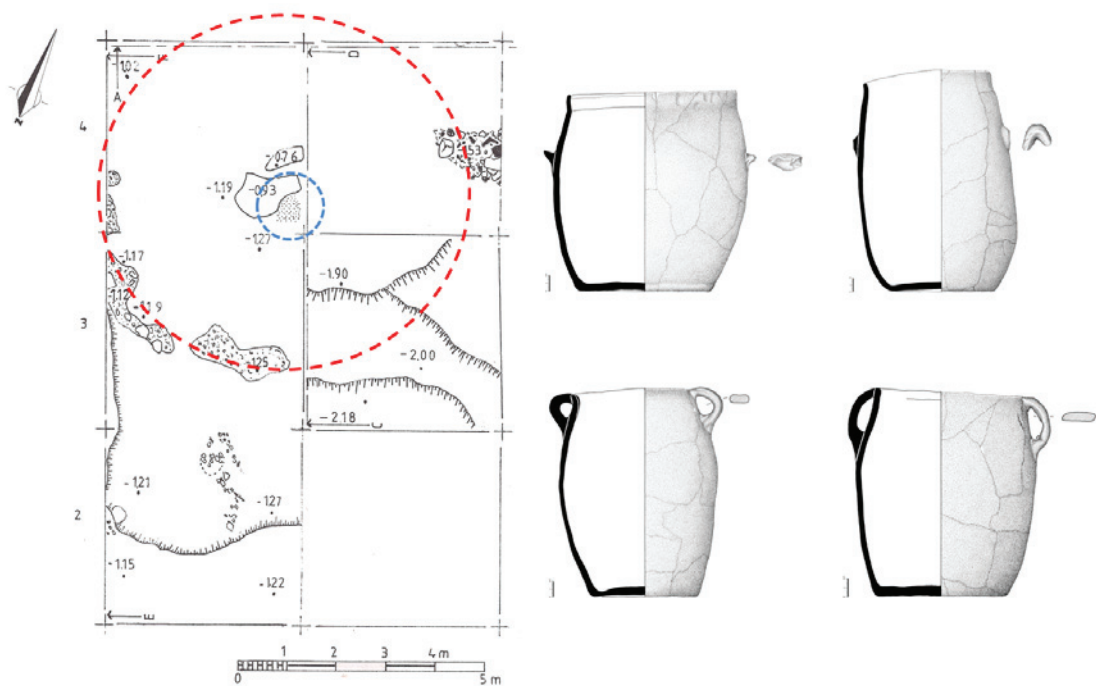


Figura 3 – Projeção do “recinto” de Granjinhos (círculo vermelho), posicionamento das urnas funerárias (círculo azul) e respetiva representação das mesmas (adaptado de Bettencourt (2000, Estampas V, VII e VIII)).

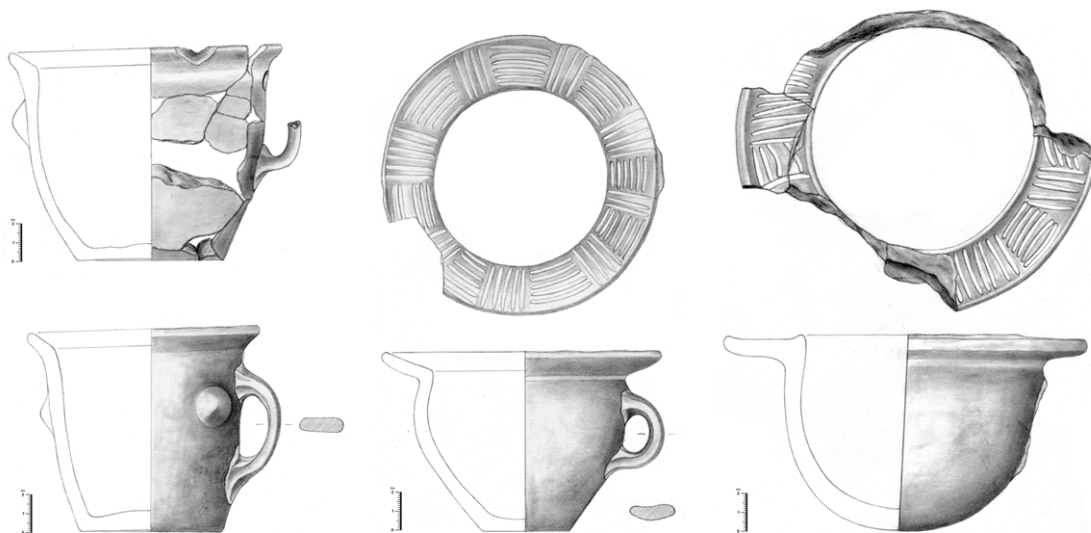


Figura 4 – Conjunto de vasos cerâmicos recolhidos durante os trabalhos do Quarteirão dos C.T.T. (Braga), incluindo o exemplar exumado da Sepultura LXXX (em baixo, à esquerda) (autor: Amélia Marques).

Sítio	Tipologia	Obs.	Bibliografia
Antela dos Corgos/ Córregos	Reutiliz. mon. megalít.	–	Bouza Brey & López Cuevilas, 1929
Lapinha	Reutiliz. mon. megalít.	–	Sanches, 1981
Vale de Chão 1, 2 e 4	Monum. sob tumuli	Necrópole	Vilas Boas 2014a, 2014b
Carvalho 1 e 2	Monum. sob tumuli	Necrópole	Vilas Boas 2014a, 2014b
Regedoura 2	Monum. sob tumuli	Necrópole	–
Laje da Malhadoura 1	Monum. sob tumuli	–	Canha & alii, 2005
Lobo 2	Monum. sob tumuli	–	Canha & alii, 2005
Lameirão/Cruz Nova	Monum. sob tumuli	–	Sousa, 1996
Pego	Sepulturas planas	Necrópole	Sampaio & Bettencourt, 2014; Sampaio, 2014
Vale Ferreiro	Sepulturas planas	Necrópole	Sampaio, 2014
Quinta do Amorim	Sepultura plana	Necrópole	Sampaio & alii, 2014; Sampaio, 2014
Quarteirão dos C.T.T.	Sepultura plana	Necrópole	Sampaio & alii, 2014
Fáisca	Fossas	Necrópole (?)	Cardos, 1936
Campo de Postigo	Fossas	Necrópole (?)	Bettencourt, 2010b
Pego	Fossas	Necrópole (?)	Sampaio & alii, 2008; Sampaio & Bettencourt, 2014
Vale Ferreiro	Fossa (casa túmulo?)	Necrópole	Bettencourt & alii, 2007
Granjinhos	Recinto	Necrópole	Sampaio, 2014
Vale Ferreiro	Túmulos	Necrópole	Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003

Tabela 1 – Contextos funerários da Idade do Bronze por tipologia identificados na bacia do rio Ave.

Sítio	Ref. Lab.	Contexto	Idade BP	2 δ (cal BC)	Bibliografia
				(95.4%)	
Vale Ferreiro	AA89670	Túmulo 2	3894 \pm 44	2479-2274 (89.4%)	Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003
		(camada 1c)		2256-2208 (6.0%)	
Vale Ferreiro	Ua-19728	Túmulo 1	3635 \pm 50	2141-1884 (95.4%)	Bettencourt, Lemos & Araújo, 2003
Quart. CTT	14So/0634	Sep. LXXX	3570 \pm 40	2030-1867 (79.9%)	Sampaio, 2014
		Vaso cerâmico (2010.0393)		1848-1774 (15.5%)	
Pego	AA102324	Sepultura 5	3540 \pm 55	2026-1742 (94.5%)	Sampaio, 2014
		Vaso cerâmico (2004.0037)		1710-1700 (0.9%)	
Vale de Chão 1	AA89664	Monumento sob tumuli	3538 \pm 42	1976-1749 (94.4%)	Vilas Boas, 2014a
		(Camada 4b – área central)		2009-2002 (1%)	
Pego	AA89666	Sepultura 9	3328 \pm 51	1740-1499 (95.4%)	Sampaio & Bettencourt, 2014
		Vaso cerâmico (2007.0442)			
Qta. do Amorim	AA89661	Est. 12	3345 \pm 42	1698-1524 (86.8%)	Sampaio & alii, 2014
		Vaso cerâmico (2009.0765)		1739-1705 (6.8%)	
Vale Ferreiro	AA89671	Túmulo 4	3295 \pm 61	1694-1440 (93.4%)	Sampaio, 2014
		(Camada 1a)		1734-1716 (2.0%)	
Faisca	AA103119	Vaso cerâmico (MSA435(F))	3248 \pm 41	1616-1436 (95.4%)	Sampaio, 2014
Granjinhos	Beta374921	Urna funerária (1993.0297)	3250 \pm 30	1612-1490 (80.5%)	Sampaio, 2014
				1484-1450 (14.9%)	
Vale de Chão 1	AA89665	Reutilização do tumuli	3156 \pm 41	1516-1373 (90.8%)	Vilas Boas, 2014a
		(estrutura 1, camada 1b)		1342-1318 (4.6%)	
Vale Ferreiro	AA63068	“Casa-túmulo”	2875 \pm 41	1134-925 (86.3%)	Bettencourt & alii, 2007
		(camada 1)		1195-1141 (8.8%)	
				1207-1204 (0.4%)	

Tabela 2 – Datas de C¹⁴ disponíveis para os contextos da bacia do rio Ave citados ao longo do texto.



Patrocinador oficial